

26ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

01 - 04 DE JUNHO, PORTO SEGURO

GT 19: NATUREZA, CORPO, SENTIDOS

Coordenadores:

Luiz Fernando Dias Duarte (MN/UFRJ)

Cynthia Andersen Sarti (UNIFESP)

Título:

O CONSENTIMENTO NO DISCURSO DE LEGITIMAÇÃO DO BDSM:

SENTIMENTOS OU LIVRE-ARBÍTRIO?

Autor:

Bruno Dallacort Zilli

## O consentimento no discurso de legitimação do BDSM: sentimentos ou livre-arbítrio? <sup>1</sup>

Bruno Dallacort Zilli<sup>2</sup>

Este trabalho aborda questões suscitadas na dissertação de mestrado “A Perversão Domesticada: Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria”, cujo objeto foi o discurso de legitimação de praticantes de comportamentos sexuais tradicionalmente classificados como perversões pela psiquiatria, denominados “BDSM” por seus adeptos – uma sigla que descreve diversas práticas ou jogos sexuais: B é para *Bondage*, o par B & D para *Bondage* e Disciplina. O par D & S para Dominação e Submissão, e o par S & M para Sadismo e Masoquismo. O BDSM liga-se ainda ao fetichismo. O que define a prática é que ela seja sempre consentida, e a análise do discurso BDSM e sua comparação com definições psiquiátricas históricas indicam o papel central que a noção naturalizada do consentir desempenha no argumento de legitimação. Contudo, o BDSM aciona um ideal implícito de enamoramento que associa consentimento aos sentimentos de confiança, entrega e um “perder-se no outro”, típicos da experiência amorosa. A hipótese, a ser desenvolvida em tese de doutorado, é que a escolha em participar de tais atividades justifique-se através do atributo “consciente” da vontade expresso pelo consentimento, mas que é principalmente a dimensão moral e afetiva que negocia o mecanismo de exercício do livre-arbítrio. O campo dos sentimentos, com sua linguagem essencializada do espiritual e do imponderável, é uma maneira possível de dar forma aceitável e comunicável à submissão ao perigo.

Palavras-Chave: Antropologia das Emoções, Sexualidade, BDSM

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de Junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. (GT 19: **Natureza, Corpo, Sentidos**)

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPCIS/UERJ

## **1 - Introdução**

Na sociedade moderna as emoções e a sexualidade são dois campos com um alto grau de essencialização nas significações culturais. Ambos ocupam um lugar especial nas representações sobre o ser humano, especialmente como os núcleos repositórios das noções de individualidade, interioridade e singularidade. São áreas de expressão do que se entende como autenticidade e autonomia dos sujeitos em relação ao social. Por isso, estudos na área das ciências sociais ajudam a demonstrar as implicações que as emoções e a sexualidade têm nas relações sociais. Neste sentido, este trabalho trata das imbricações entre sexualidade e emoções. Mais especificamente, do uso de determinado grupo de sentimentos que um discurso de legitimação de práticas sexuais como o sadomasoquismo, que são associadas à doença mental e à violência, faz para relativizar o valor negativo de suas atividades. O grupo de sentimentos acionados articula idéias como o diálogo e a confiança entre pessoas durante a atividade sexual. Ou seja, idéias que se ligam à noção de compartilhamento de experiências (e de intimidades) na esfera moral que estão vinculadas aos ideais românticos do enamoramento. Este grupo de sentimentos é assim acionado para “abrandar” os significados do risco associados a essas atividades, que é o que tradicionalmente lhes imputa o valor negativo. No campo das práticas sexuais indicadas para o estudo há recorridamente menção ao uso desse conjunto de sentimentos para indicar a vivência segura da sexualidade. Assim, pode-se utilizá-lo como caso específico para pensar uma questão mais ampla relacionada ao risco na sociedade, analisando como uma minoria sexual e suas representações políticas articulam justamente a esfera das emoções para justificar-se e à suas atividades.

De fato, esta investigação pretende aprofundar temas e questionamentos suscitados durante a escrita da dissertação de mestrado “A Perversão Domesticada - estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria”, defendida no contexto do programa de pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social, IMS/UERJ<sup>3</sup>. O objeto da dissertação foi exatamente o discurso de legitimação de praticantes de condutas sexuais classificadas como “distúrbios sexuais” pela psiquiatria e que são tradicionalmente associadas às antigas perversões sexuais, como o sadismo, o masoquismo e o fetichismo. Os adeptos denominam suas atividades como “BDSM” - sigla que descreve diversas práticas ou jogos sexuais: B é para *Bondage* (imobilização), o par B & D para *Bondage* e

---

<sup>3</sup> Orientado pela Professora Jane Araujo Russo, IMS/UERJ.

Disciplina. O par D & S para Dominação e Submissão, e o par S & M para Sadismo e Masoquismo. O BDSM envolve ainda o fetichismo. O acrônimo BDSM foi desenvolvido numa tentativa de englobar uma diversidade de atividades sexuais unidas por duas características definidoras: são classificadas como distúrbios sexuais e entre seus adeptos são regidas e definidas pelo respeito ao *consentimento* dos parceiros em fazer parte dessas relações. Para acessar o discurso BDSM foi utilizado o ambiente virtual da Internet, espaço que se caracteriza pela facilidade de comunicação, a promessa do anonimato e a oportunidade de contatar indivíduos que partilham interesses em comum. É ideal para a formação de grupos identitários que criam comunidades virtuais, como o BDSM.

A análise do conteúdo e da troca de informações na Internet entre praticantes de BDSM revelou as relações entre discurso especialista e não-especialista sobre a sexualidade. Mantendo a abordagem comparativa, a dissertação investigou o discurso BDSM, mapeando quais elementos utiliza para afirmar-se enquanto uma prática sexual legítima. A análise desse discurso foi realizada a partir da teoria da sexualidade Foucaultiana, dos desenvolvimentos históricos no campo da psiquiatria sobre o tema dos distúrbios sexuais e das transformações nas concepções culturais e científicas da sexualidade. A análise do discurso BDSM (e sua comparação com o psiquiátrico) demonstrou a posição central que a noção de consentimento veio a ocupar atualmente na caracterização dos distúrbios psicosssexuais e na distinção de suas diferentes manifestações. Tanto entre leigos quanto entre especialistas o consentimento é entendido como o exercício e expressão da vontade individual em participar de uma atividade sexual. É o principal critério de distinção entre uma forma de sexualidade sadia e as formas patológicas.

Tendo isto em mente, esta investigação tenta elaborar o papel dos ideais e sentimentos românticos no apaziguamento do perigo. Para além do universo de representações que buscam legitimar o BDSM já analisado na dissertação, também é possível apontar outras práticas sexuais ou relacionamentos de conotação amorosa que se dão sob o signo do “risco”<sup>4</sup>. Mas ao contrário de pensar que romantismo e risco são opostos, propõe-se que o signo do risco possa ser entendido como parte inerente da natureza da experiência romântica. E que é justamente esta gama de sentimentos que um discurso como o BDSM tenta acionar para relativizar o papel da violência em suas

---

<sup>4</sup> Por exemplo, os significados de amor, sexo e perigo nas relações sexuais de risco no contexto do HIV/Aids e outras DSTs, ou nas relações marcadas pela violência doméstica.

práticas. O enamoramento vem sendo longamente<sup>5</sup> representado como um “perder-se” no outro e de si mesmo, como uma “loucura” que subjuga o indivíduo ao ser amado. Em suma, como o verdadeiro oposto da razão, este atributo que é tão definidor da concepção de humano que articula as idéias românticas. Atributo cujo “descarte” compõe a explicação para a aceitação do potencial de perigo.

Em síntese, o objeto sobre o qual esta proposta de pesquisa se debruça são as representações dos sentimentos que abrandam o risco na área da sexualidade – das quais o discurso BDSM é um caso exemplar que parece ter atingido relativa harmonia interna<sup>6</sup>. É importante ressaltar que as relações sexuais de que se fala, sob o signo de risco e que se justificam através de sentimentos amorosos, são aquelas que ocorrem sob uma lógica igualitária. Ou seja, o elemento “risco” não existe por causa de uma assimetria entre as partes. Ele existe, na verdade, a despeito do fato de que há simetria entre elas, de que as partes envolvidas são “iguais”. Por isso, o objeto trata das relações consentidas – o que exclui casos de estupro e pedofilia. Assim, o objetivo geral é investigar em que medida sentimentos, aparentemente ligados ao amor e ao romance, influenciam na tomada de atitudes que colocam os sujeitos em risco. Este tema remete à questão sobre o valor atribuído às práticas de risco (de qualquer tipo, desde esportes radicais até consumo de drogas, passando por condutas como o BDSM) na sociedade Ocidental.

## **2 - BDSM: levantamento e análise do discurso de legitimação na Internet**

### **Recorrência dos sentimentos de ‘entrega’ como forma de legitimação**

Esta seção apresenta o material e a análise da dissertação no qual se baseia este trabalho, ligando os resultados a inferências possíveis para guiar a investigação sobre o uso dos sentimentos no BDSM. O “campo” que serviu como fonte de dados foram sites públicos da Internet elaborados pelos próprios praticantes, nos quais foi privilegiado o levantamento de conteúdo com caráter textual, de características informativo-pedagógicas. As redes de computador propiciam a formação de um modelo específico de sociabilidade, construída fundamentalmente através das interações dos usuários na e pela rede<sup>7</sup>. É através da possibilidade que os praticantes de BDSM têm de manter

---

<sup>5</sup> Cf. ROUGEMONT, 2003.

<sup>6</sup> Os outros exemplos apontados, a princípio, não apresentam o mesmo grau de “apaziguamento” do risco, apesar do sentimento romântico apresentar-se como justificativa razoável, ainda que não necessariamente aceitável, mas ao menos compreensível, aos olhos do corpo social mais amplo.

<sup>7</sup> Cf. LÉVY, 1996.

contato na Internet que se veicula o discurso de legitimação, descriminalização e despatologização das práticas sexuais associadas ao BDSM. Em contato através de ferramentas virtuais, estes indivíduos tentam legitimar-se pela conformação ao politicamente correto e pela apresentação de uma identidade política organizada. A principal ferramenta argumentativa deste esforço de legitimação é o caráter exclusivamente consentido das atividades sexuais BDSM.

Na dissertação, o conteúdo do discurso reunido possui um formato que foi classificado como “Manual”, e sua análise indicou como principais características: 1) a afirmação do BDSM como um conjunto de práticas de natureza sexual, ligadas a um “estilo de vida”; 2) a caracterização da necessidade de um “bem-estar” físico e psíquico, da segurança e do consentimento para praticar o BDSM; noções definidas num conceito amplamente difundido e utilizado para caracterizá-lo, chamado ‘SSC’: ou seja, um ato que é *São, Seguro e Consentido*; 3) a preocupação com o estigma da perversão sexual; e 4) um diálogo com a psiquiatria visando legitimação. De fato, a proposta deste tipo de formato “Manual” é estar à frente como um dos primeiros contatos de curiosos com o BDSM. Para o esforço de legitimação do BDSM é a ponta de lança, principalmente porque organiza a diversidade do discurso num formato acessível.

O “consentimento”, entendido como exercício do livre-arbítrio individual e do direito de escolha em participar ou não de determinada atividade sexual, aparece neste discurso de legitimação como a justificativa central que garante que estas práticas afastem-se da identificação com atos criminosos causados por doença mental ou imoralidade. Para que esta justificativa possa legitimar-se, segundo o esquema preconizado pelo discurso, é necessário que os praticantes sigam determinadas regras que buscam definir o que é aceitável e correto no que diz respeito ao BDSM. A “confiança” e o “diálogo” entre os participantes assumem, nesse sentido, papel preponderante para que possa haver o consentimento. Entende-se que todos devem estar informados não só do conteúdo, mas principalmente do significado (“uma atividade de natureza sexual que busca o prazer”) atribuído ao BDSM para que possam consentir participar dele.

Uma das definições básicas do “Manual” BDSM é sobre os conceitos de papéis (*roles*) “ativos”, daqueles indivíduos conhecidos como *tops* que executam atividades de dominação e se identificam com a figura do sádico; e “passivos”, dos indivíduos conhecidos como *bottoms* e que exercem a submissão e representam a figura do

masoquista<sup>8</sup>. As atividades sexuais BDSM podem envolver o uso de instrumentos ou apetrechos eróticos, os “brinquedos sexuais” (*sex toys*). Podem também ser aliadas a variadas técnicas de imobilização conhecidas como *bondage*. Essas modalidades podem ainda ser associadas ao fetichismo, que envolvem gostos que vão do uso de acessórios e vestimentas de couro a preferência por partes do corpo como pêlos/cabelos ou pés.

A divisão de papéis e o uso de “fantasias” se ligam à idéia da atividade BDSM como uma “cena” interpretada por “atores”, onde o objetivo ideal é causar prazer através da aplicação intensa de *gatilhos sensoriais* que causarão/elevarão a excitação sexual dos participantes do BDSM. Conjuntamente, entram em ação o uso de *gatilhos emocionais* ou *psicológicos* que devem ser ativados e trabalhados tanto por dominador quanto por submisso num jogo de negociação e troca de poder e controle, para que se desperte a sensação de entrega completa que é o ideal a ser atingido. Estes gatilhos envolvem humilhação e submissão – às vezes entendidas como manipulação de dor emocional ou psicológica. Esses *gatilhos emocionais* são percebidos como fundamentais para se criar a ‘atmosfera’ que torna o BDSM sexualmente excitante. De maneira geral a confiança e/ou intimidade são percebidas como necessárias nesta experiência, que idealmente ocorre num grau de profundo comprometimento, em que a estimulação emocional tem um papel fundamental. O comprometimento e a cumplicidade são justamente os elementos sexualmente estimulantes, pois estão subjacentes ao ato de consentir submeter-se a outrem e permitem que a dinâmica de troca de poder e controle transcorra corretamente.

Uma das expressões do compromisso de confiança é a existência e a extensa divulgação do mecanismo da “*safeword*”, que permite a interrupção imediata de uma atividade BDSM quando um de seus participantes expressa insatisfação com o seu desenvolvimento. Para tal, basta proferir a *safeword* (que em alguns casos pode ser um gesto). A *safeword* é um dos pontos mais recorrentes dos argumentos de legitimação do BDSM, porque representa a importância que se dá ao consentimento. Consentimento é o ingrediente primordial, fundamental do BDSM. A *safeword* realça esses aspectos essenciais de qualquer relação BDSM, que são a comunicação e a confiança. A comunicação permite a negociação, que por sua vez abre portas para a confiança e permite que haja consentimento – sem o qual não há BDSM. O argumento ao redor da

---

<sup>8</sup> Embora utilize, em inglês, a mesma “gíria” do meio gay para designar o passivo (penetrado) e ativo (penetrador) da relação sexual, no BDSM essa idéia não é estrita. Um *bottom* BDSM pode ser o penetrador, se essa for a função que ele exerce a mando de quem o comanda, sua (ou seu) *top*.

necessidade do consentimento surge em relação ao reconhecimento explícito do papel da violência na erotização típica do BDSM. O consentimento é a noção mais elementar do BDSM, sendo utilizado para separá-lo da patologia e da criminalidade.

Estes elementos propiciam um alto grau de subjetivação, que se torna inerente aos adeptos do discurso. Essa subjetivação liga-se à influência no discurso BDSM do tipo de lógica exposto pela sexologia moderna de otimização do prazer sexual através do enquadramento racional da atividade sexual, que é submetida a regras e preceitos que visam sua quantificação e aperfeiçoamento, uma pedagogia sexual que incentiva a comunicação e a expressão. Essa lógica é complementada por uma concepção do “instinto sexual humano” como uma “força poderosa”, cuja raiz estaria nos subterrâneos da psique e que poderia ser corretamente “canalizada”, ou sofrer “sufocada”. Contudo, é uma energia que se entende como ocorrendo igualmente em ambos os sexos e nas diferentes manifestações da orientação sexual. Esta concepção de igualdade remete as representações da sexualidade a ideais que são fundadores da sociedade moderna, e às concepções de ser humano que a atravessam.

Um conjunto dessas concepções são as que compõem as representações sobre “amor”, “relacionamentos amorosos” e o “romantismo”, que na prática manifestam-se no discurso de legitimação do BDSM através da sua ênfase na confiança e no diálogo entre os participantes. Por vezes, a experiência BDSM é representada como um caso comparável à experiência amorosa, principalmente nos seus aspectos de dominação e sujeição, e de “imersão no outro” na busca pela otimização do prazer. O BDSM é retratado ainda como uma profunda e significativa experiência psicológica e emocional, ou mesmo espiritual. Contudo, as práticas BDSM continuam associadas, na psiquiatria e no imaginário cultural, a conotações que envolvem riscos extremos para seus adeptos, o que de fato é amplamente reconhecido e de forma alguma negado pelo discurso que visa a sua legitimação. O apaziguamento desses riscos, a “domesticação do BDSM”, centra-se justamente no seu caráter consentido, que se realiza em grande parte pela recomendação do diálogo e da presença da confiança entre os participantes como forma de superar os riscos inerentes ao envolvimento com essas práticas sexuais.

### **3 - Amor e Sexo: abordagens teóricas**

Diante do objeto de pesquisa que o BDSM representa é possível observar delinear-se uma relação estreita entre o discurso sobre a sexualidade e discurso sobre os sentimentos. Esta relação inter-discursiva ganha importância crucial quando se pensa na

maneira como cada elemento interage com o fator risco. Os sentimentos de confiança, diálogo, cumplicidade e o próprio tipo de submersão no outro – e submissão ao outro – presentes no ideal BDSM parecem constituir uma “ética romântica” que permanece subjacente a esse discurso de legitimação. Esta seção indica caminhos possíveis para pensar antropológicamente o lugar ocupado pela sexualidade e pelas emoções, especialmente os sentimentos românticos, em relação ao risco. Estes elementos remetem a representações da sub-cultura analisada e às configurações culturais mais amplas da sociedade.

Os estudos sobre risco apontam para a passagem de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de risco. Os possíveis significados de risco são tratados por Spink (2003) como uma forma de entender as mudanças nas formas de controle social, dessa passagem para uma sociedade de risco que seria típica da modernidade tardia e que é marcada por diversos processos de destradicionalização. O autor que estabelece a análise da sociedade disciplinar, típica da modernidade clássica, é Foucault (2001) em “A Vontade de Saber”, ao definir os mecanismos de gestão da vida representados pelos dispositivos disciplinares e pela biopólitica. É nessa última instância que vem surgir a temática moderna do risco, entendida no contexto das estratégias do biopoder como a gestão dos riscos.

Spink indica que para compreender os deslocamentos mais recentes em relação à análise de Foucault o autor fundamental é Beck (1993). Para ele a preocupação com a gestão da vida dá lugar à gestão dos riscos, caracterizando-se pelos processos de globalização, individualização e reflexividade. Isto não significa que as estratégias anteriores não continuem, mas as novas estratégias tomam lugar principal. Muda assim a natureza dos riscos, que passam a ser percebidos como parte de um aspecto imponderável da vida e suscitando mecanismos de gestão desta imponderabilidade. Entra em questão a presença de riscos manufaturados na sociedade de risco<sup>9</sup>, compreendidos a partir do significado tradicional de risco associado à aventura, formação de caráter, auto-conhecimento e moralização. Sob esse ponto de vista, é uma forma de “risco desejado” que assume papel de anteparo aos processos de destradicionalização. Para Beck, este tipo de risco desejado pode ser comparado ao ritual medieval do ordálio: a busca de significado para a vida no enfrentamento da morte. Como a própria gestão dos riscos é uma técnica de poder da modernidade tardia,

---

<sup>9</sup> Como o uso recreativo de drogas, a prática de esportes radicais e, nesse mesmo sentido, o próprio BDSM.

uma forma de governo das populações, Spink defende que essas conotações do risco podem servir como metáfora desta sociedade, diante da emergência de novos discursos associados ao risco.

### **3.1 - A Sexualidade e as Ciências Sociais.**

Segundo Heilborn & Brandão (1999) nas Ciências Sociais a antropologia e a sociologia investiram sobre o tema da sexualidade com diferentes abordagens. “A primeira tem contribuído com grandes inquéritos sobre o comportamento sexual da população, enquanto a segunda, em princípio, tem respondido pelas descrições detalhadas de valores e práticas de grupos sociais demarcados.” (Heilborn & Brandão, 1999:7) Na antropologia, há trabalhos clássicos que trataram da sexualidade, porém imbricada com o conjunto mais geral de regras das sociedades estudadas. Como campo de estudo autônomo a sexualidade firmou-se a partir da segunda metade do século XX, em consonância com a eleição das questões relativas à intimidade e à vida privada como centros das reflexões sobre a pessoa moderna.<sup>10</sup> Nesse contexto, diante da epidemia HIV/Aids ressurgiram estudos biomédicos e epidemiológicos sobre a sexualidade, marcados por uma tendência normativa que contrasta com a abordagem heterogênea das descrições antropológicas detalhadas.

Os estudos sobre gênero ajudaram a avançar a trajetória dos estudos sobre a sexualidade, e para Heilborn & Brandão ambos guardam uma íntima relação. Além disso, as autoras indicam que em termos do debate teórico há duas tendências opostas sobre a concepção da sexualidade: o essencialismo e os diversos matizes do construtivismo social. A primeira coloca ênfase na sexualidade como um instinto ou energia inerente à condição humana, ancorada a mecanismos fisiológicos reprodutivos ou a uma ordem psíquica. A segunda tendência é uma gama de abordagens que problematizam a concepção universal e essencializada da sexualidade, enfatizando a variância cultural e o relativismo. A obra de Foucault é um divisor de águas na trajetória dos estudos sobre a sexualidade, e permanece na raiz das elaborações do construtivismo.

No primeiro volume da “História da Sexualidade”, Foucault (2001) aborda as relações entre vida, saber e a organização do poder na modernidade. A temática do poder é o eixo que conduz seu argumento de que a emergência da modernidade se fez acompanhar de uma transformação nas formas de exercício do poder, e que o poder

---

<sup>10</sup> Cf. GIDDENS, 1992.

sobre o sexo é exercido por uma incitação discursiva intensificada pela idéia da repressão ao sexo. As ‘perversões’ localizam-se nesse processo de explosão discursiva da sexualidade narrado por Foucault, ganhando importante papel na definição de identidades ligadas às formas de sexualidade não convencionais através da abordagem da progressiva produção do saber médico sobre a sexualidade e especificamente sobre as perversões.

O exame da “hipótese repressiva” revela que a “colocação do sexo em discurso” não silencia ou censura, mas provoca e dissemina sexualidades polimorfos através da constituição de uma ciência da sexualidade. (Foucault, 2001:39). O autor identifica a explosão discursiva como uma multiplicação de discursos sobre o sexo no campo do poder e de uma economia restritiva dos enunciados (quem, onde, quando e como se pode falar sobre sexo). Assim, há uma proliferação dos discursos principalmente através de uma incitação institucional que opera a transposição da importância do ato para o desejo através da exposição de todos os elementos (da alma e do corpo) que tenham afinidade com o sexo. Desta forma o poder produz efeitos sobre o desejo ao colocá-lo em discurso.

Para Foucault a definição das sexualidades periféricas “provoca a *incorporação das perversões* e nova *especificação dos indivíduos*.” (Foucault, 2001:43) É a transformação da preocupação com o comportamento para a atenção a um atributo que é fundamental e singularizante do sujeito, que o marca como uma *espécie* de pessoa. Com a transferência da atenção à prática (pecado ou crime) para a atenção a um “atributo da alma” (uma natureza), surgem como figuras da sexualidade as perversões descritas pelos psiquiatras do século XIX. Ao investir sobre os “crimes contra a procriação”, ao proceder “a medicalização do insólito sexual” (Foucault, 2001:44), a medicina inscreve profundamente na verdade dos sujeitos uma nova espécie ou personagem, caracterizada pelo desvio sexual e produzida discursivamente. Essa relação incide sobre o indivíduo na incorporação do “exame de si mesmo”. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de *individualização* pelo poder. Para Foucault a verdade do sexo se torna a própria verdade do indivíduo, ele inteiro (corpo, alma, individualidade, história) “sob o signo de uma lógica de concupiscência e do desejo”. (Foucault, 2001:76)

### 3.2 - Discursos Científico e Político sobre a Sexualidade no século XX

A ‘sexualidade’ surge inscrita assim na disciplina médica, e as suas perversões na psiquiatria. No campo psiquiátrico, desenvolvimentos mais recentes na classificação da sexualidade e das perversões ocorridos a partir da segunda metade do século XX demonstram uma transformação nosográfica que começa com a retirada da homossexualidade (essa figura clássica das perversões) da classificação de doenças mentais, bem como a incorporação pela psiquiatria das mudanças de concepções introduzidas pelos campos da sexologia e da *sex research*. Segundo Foucault, no século XIX as perversões foram um dos principais elementos do conteúdo discursivo sobre a sexualidade. Contudo, no século XX a pesquisa científica sobre a sexualidade tem características diversas<sup>11</sup>. Questões ligadas às sexualidades desviantes da norma heterossexual reprodutiva se tornam menos pertinentes e a pesquisa sobre a sexualidade de maneira mais geral ocupa-se do domínio das *disfunções* da sexualidade quotidiana, opostas ao tema de seu *distúrbio*. Surge uma lógica que estabelece um modelo normativo do clímax sexual e que a partir da norma positivada do coito heterossexual reprodutivo, minuciosamente conceituado, deduz as anomalias da função sexual.

A reforma de concepções sobre o comportamento sexual que se desenvolvem na sexologia do século XX possui grande penetração no tecido social, e Béjin (1987) fala da ressonância entre a “problemática sexológica” e as “aspirações sexuais” dos indivíduos. As formulações da sexologia estão ligadas à disseminação de um conjunto de idéias sobre a sexualidade. Primeiro, que há uma igualdade de direitos, seguindo a lógica da política igualitária. Segundo, dá-se um valor positivo à flexibilização das parcerias sexuais e à exploração de diferentes modos de obtenção do prazer que não apenas o contato genital tradicional. Estas idéias incluem assim a noção de que todos têm direito ao prazer sexual, e que o casal monogâmico e/ou heterossexual não é mais o único detentor do direito ao prazer. Ocorre também uma ampla valorização dos planos privado e afetivo enquanto espaços de exercício da liberdade, da individualidade e da expressão da autenticidade e singularidade que marcam a concepção de sujeito subjacente a estes ideais.

Tudo se combina numa proposta sexológica de pedagogização e otimização racional da atividade sexual, onde as disfunções serão tratadas por terapia sexual e pelo novo mercado dos medicamentos para disfunção erétil. Nela, apesar da diversificação

---

<sup>11</sup> Cf. GAGNON, 2006.

do conceito de atividade sexual legítima, o casal heterossexual continua sendo o foco da valorização do exercício pleno da sexualidade. Para Béjin, no limite estas concepções sobre a sexualidade remetem ao dualismo corpo/espírito, onde num plano operam concepções ascéticas e racionais do uso do corpo e seus prazeres, e noutro uma representação hedonista e sensualista da satisfação sexual. A masturbação é, nesse ideal de sexualidade, uma *forma canônica* a partir da qual é possível decalcar as diferentes formas de relações sexuais como variantes do próprio ato masturbatório, nas quais a função do ‘outro’ (o parceiro) é apenas potencializar a excitação individual. Há, conseqüentemente, uma passagem regular entre as diversas formas de expressão da sexualidade marcada pela base comum da auto-sexualidade, especialmente na passagem da hetero para a homossexualidade<sup>12</sup>. Béjin chama esse conjunto de concepções de “democracia sexual”.

Estas concepções parecem estar na raiz do que Gregori (2004) chamou de “erotismo politicamente correto”. Gregori escreve no contexto dos estudos de gênero<sup>13</sup> e investiga a relação entre o erótico e a violação nas “novas formas de erotismo.” Este tipo de erotismo valoriza a busca pelo prazer, da diversão e da auto-estima na subjetividade individual, alcançados pela pedagogia de técnicas de exercícios sexuais e o estímulo do uso de “brinquedos” eróticos e outras fantasias. É uma abordagem pragmática da função sexual. Gregori considera que este tipo de ideal sexual opera um reposicionamento do papel da violência<sup>14</sup> dentro das práticas sexuais. Por um lado, há uma domesticação e neutralização do sentido de violação no significado do erótico, operado pelo esforço de integração (oposto à subversão) na apresentação de produtos e técnicas para o exercício sexual que se ligam à idéia de uma “ginástica” corporal no uso da sexualidade, com fins de fortalecimento do *self*. Por outro lado, este “apagamento” da violência no campo do erótico serve ao esforço de garantir seu exercício politicamente correto, “apagamento” este realizado pela noção de consentimento que é articulada principalmente pelas fantasias ligadas ao sadomasoquismo. Exemplar da aplicação de um “pragmatismo” ao campo do erótico, o que para Gregori é ponto de seu esforço de legitimação, essas práticas mobilizam o consentimento como um ato imediato da vontade. Desloca-se o sentido do pornográfico para longe da tradicional

<sup>12</sup> Contudo, Béjin admite que não haja uma livre substituição entre todas as diferentes formas de “catalisadores sexuais”, sendo forçoso atribuir-lhes uma equivalência funcional.

<sup>13</sup> Judith Butler, Gayle Rubin e Carol Vance são suas principais interlocutoras.

<sup>14</sup> Bataille (2004) é um autor exemplar que expõe a ligação entre o erótico e violência/violação, revelando os conteúdos de transgressão (do social e do sujeito) presentes no erotismo.

noção do obsceno, sendo substituído pela “noção da prática sexual como técnica corporal que visa o fortalecimento da auto-estima individual.” (Gregori, 2004:254) Nesse contexto alguns dos fenômenos anteriormente vistos como perversões ou distúrbios do comportamento sexual – ou seja, fenômenos definidos como de natureza exclusivamente sexual – passam a ser considerados como de natureza também política, isto é, como um estilo de vida, uma “opção sexual”, sub-cultura ou minoria<sup>15</sup>.

A reivindicação política pelos direitos dos personagens identificados pelos desvios da sexualidade (as perversões) beneficia-se com os valores da “democracia sexual”. Penetram nesse campo as idéias de otimização e do uso racional dos prazeres alcançados através da pedagogia sexual que incentiva a comunicação e a expressão, e que valoriza os universos subjetivos individuais, as fantasias e os afetos. As concepções sobre as perversões puderam emancipar-se da medicina e reivindicar a despatologização desses comportamentos graças à caracterização médica da sexualidade como um atributo individual e natural dos sujeitos e que habita a sua mais profunda subjetividade, definindo-os totalmente. O caso dos comportamentos sexuais denominados BDSM ilustra esses processos. Sua posição remete ao embate entre o fisicalismo materialista fundamental do pensamento médico-psiquiátrico e a valorização de teorias sobre a esfera moral, explicitada principalmente pela psicanálise, que redefine o papel e o valor da sexualidade e aproxima os comportamentos patológicos da normalidade. Com as demarcações claras das fronteiras entre o que é uma forma desviante e uma forma normal do comportamento sexual progressivamente borradas, os indivíduos que têm as diversas identidades sexuais nascidas através da medicalização da sexualidade exigem o reconhecimento de que não estão do lado patológico da fronteira.

Essa reforma pode ser observada no caso do BDSM pelo esforço de contenção dos conteúdos que o tornariam inaceitável, os seus elementos de violação e violência. A afirmação da autonomia política das identidades ligadas a estes comportamentos é um processo de negociação entre a determinação desses fenômenos pela instituição psiquiátrica, que os havia anteriormente classificados como desviantes; e o interesse dos que se identificam com as descrições médicas, mas querem libertá-las da marginalidade e da patologia. A mútua caracterização é evidente no uso do consentimento, da vontade

---

<sup>15</sup> Concepção que remete a um processo que se inicia, de fato, com a luta pela despatologização da homossexualidade do movimento gay americano contra o estabelecimento psiquiátrico nos EUA na década de 70.

e da escolha como critério de diferenciação entre as práticas sexuais legítimas e as patológicas.

### 3.3 - Antropologia das Emoções

Quanto ao estudo das emoções, há quatro abordagens possíveis que se pode delimitar sobre o uso dos sentimentos como um objeto no campo da antropologia<sup>16</sup>. Enquanto tema acadêmico as emoções estiveram tradicionalmente sob a interpretação dos saberes filosóficos e psicológicos. Ali elas aparecem, de maneira geral, naturalizadas e com uma essência universal pura e sem sofrer influência do social, que no máximo é um mediador de sua expressão ou produto de sua ordenação. Originalmente, a própria antropologia dialogou com a ortodoxia dessas interpretações, principalmente com a psicologia, sem colocar em questão a produção desses saberes, uma abordagem que se demonstrou basicamente essencialista. Abu-Lughod & Lutz (1990) sugerem que há três estratégias para circunscrever esta abordagem: através do compromisso comparativo da etnografia a antropologia produziu interpretações com graus variados de relativização das emoções. Esta abordagem indica o lugar das emoções no domínio da cultura, e como este lugar reflete ideologicamente as relações sociais que permitem ligar a própria hierarquia social à emocionalidade e perceber como a vida social está mesmo implicada na linguagem da emoção.

Outra abordagem possível é histórica e contextual, observar as mudanças (se existem) dos discursos sobre a subjetividade em focos sociais específicos através do transcorrer do tempo<sup>17</sup>. Contudo, pode-se incorrer no risco de produzir uma interpretação acrítica do objeto, tomando-o como similar em períodos distintos ou naturalizando-o como um conceito preexistente. Complementarmente, traçar genealogias que resgatem o processo de constituição das emoções permite indicar que elas, assim como Foucault demonstrou em relação ao dispositivo de sexualidade, são um local privilegiado de expressão da individualidade para o sujeito moderno, de acesso à verdade sobre si e do senso de singularidade. A terceira estratégia não essencializante incide sobre o foco no discurso social, tratando a emoção com um produto da cultura, repleto de sentido advindo do lugar que nela ocupa. Nessa estratégia o local do ‘discurso’ como construto teórico é central, ainda que ele seja dificilmente conceituado – sobretudo por sua ampla difusão e uso, principalmente no papel de substituir ‘cultura’

<sup>16</sup> Cf. ABU-LUGHOD & LUTZ, 1990.

<sup>17</sup> Como fez ELIAS (1994) sobre os sentimentos do nojo, da vergonha e da repulsa.

e ‘ideologia’ em escritos pós-estruturalistas. A proposta de Abu-Lughod & Lutz inclui não separar a emoção e o discurso nos domínios separados do privado e do público – mas o discurso do emocional inteiramente inserido na vida social, como uma forma de ação.

A viabilidade de uma abordagem antropológica da noção de amor foi sugerida por Viveiros de Castro & Araújo (1977) em sua análise da obra literária ‘Romeu e Julieta’, de Shakespeare. Os autores argumentam que a noção de amor expressa na obra é definidora de uma forma de conceber o ser humano, o mundo, a sociedade e as relações entre os sujeitos na qual o indivíduo é a categoria central. Nesse sentido, identificam que inicialmente<sup>18</sup> na antropologia os sentimentos expressam relações sociais que passariam por uma escolha individual. A eles se oporiam, portanto, o direito – ou seja, as relações sociais cujas estruturas normativas são percebidas como exteriores ao indivíduo. Numa abordagem que escapa à conotação psicologizante presente no trabalho de Malinowski, Radcliffe-Brown, sob a vertente teórica de Marcel Mauss, passa a significar os sentimentos como linguagem que denotam relações sociais entre *personas*. Esta concepção estabelece, para Viveiros de Castro e Araújo, o estado do entendimento das emoções na antropologia, e em especial do amor, no momento em que escrevem.

Assim, os autores tratam ‘Romeu e Julieta’ como um mito de origem do amor, mas de um tipo ideal de amor, que demarca por sua vez a origem do indivíduo moderno: “este indivíduo é tematizado, sob a espécie de sua dimensão *interna*, enquanto ser psicológico que obedece a linhas de ação independentes das regras que organizam a vida social em termos de grupos, papéis, posições e sentimentos socialmente prescritos.” (Viveiros de Castro & Araújo, 1977:142) ‘Romeu e Julieta’ oporia assim a escolha individual, marcada pelo amor, à escolha determinada pelo grupo. O mito expressaria a oposição das esferas sociais do público e do privado, e no indivíduo, das esferas interna (o ‘eu’ individual) e externa (o ‘eu’ social); manifestas na forma da oposição amor-indivíduo-corpo versus família-pessoa-nome. Assim, nesse mito de origem do amor seria possível observar a passagem de uma “sociologia da aliança” para uma “psicologia do amor”. Além disso, o amor representaria ainda uma relação inter-individual que permite que as duas partes envolvidas se fusionem numa só, ocorrendo uma perda da identidade pessoal. O amor é “cego”, pois funciona por regras que em

---

<sup>18</sup> Por exemplo, em trabalhos seminais como o de Malinowski e Radcliffe-Brown. (Citados por Viveiros de Castro & Araújo)

suma são uma “irracionalidade social” – ele ignora barreiras culturais, libertando o indivíduo delas. O amor também é destino, tanto individual quanto imutável. E o destino se liga à própria morte.

Além disso, argumentam os autores, ‘Romeu e Julieta’ também pode ser lido como um mito de origem do próprio Estado. O indivíduo que expressa esse ‘amor’ reconhece na instituição estatal a autoridade superior, e não mais na figura tradicional da família que representa as regras de aliança. Assim, as esferas estatais “são as únicas esferas onde se processam as relações de poder e de autoridade; as relações internas à ‘sociedade civil’ são relações entre indivíduos, portanto, relações explicáveis em termos de uma psicologia.” (Viveiros de Castro & Araújo, 1977:161). Esse processo indicaria a separação e autonomização entre Estado e sociedade civil.

Lázaro (1996) aponta para conclusões semelhantes quando fala sobre o papel do amor na modernidade e no mercado. O autor traça um panorama mítico do amor, abordando a consolidação do conceito nas diversas áreas da moral, da filosofia, da arte, da literatura; e em diversos estágios de seu desenvolvimento no Ocidente: da retórica platônica à poesia erótica de Safo na antiguidade clássica, nos escritos paulinos aos primeiros cristãos, do honrado e reprimido amor cortês provençal do século XII ao amor místico e espiritual do Renascimento, até o amor sentimental do romantismo do século XIX. Nesse sentido, o amor vem se delinear como uma estética, num processo de progressiva hierarquização dos sentidos que agem no amor, dos significados e dos valores.

Mas acima de tudo, para Lázaro, amor é um método. Na tradição exposta pelo autor, o amor é uma passagem, “uma maneira de ultrapassar certos limites experimentados e percebidos como determinantes para a condição humana naquele momento.” (Lázaro, 1996:187) O amor impõe um movimento. O próprio ato de experimentar esse movimento é o amor, e a capacidade de dominá-lo é também o amor. A direção desse movimento varia, bem como a forma de controlá-lo – por isso seria possível falar em diferentes eróticas, que inclusive modelam diferentes corpos e diferentes anatomias amorosas. Como para Viveiros de Castro & Araújo, Lázaro considera que o amor na modernidade, nascido da releitura do amor grego e cristão pela veia trágica dos românticos, é expressão da vontade individual, uma afirmação da singularidade, uma perscrutação da intimidade. É o lugar da verdade. É uma passagem para o ‘eu’ religar-se diretamente à totalidade, sem o intermédio do social. Nesse sentido, o amor é um ‘resto’ do sagrado num mundo laicizado.

Nesse ponto o amor, na análise de Lázaro, não difere do sentido do erótico atribuído por Bataille (2004). O amor é uma passagem entre a ‘carne’, a ‘natureza’ e a ‘animalidade’ para o ‘espírito’, a ‘cultura’. É um retorno, de forma controlada, à ‘desordem’ da natureza. Similarmente, para Bataille o erotismo fala da transcendência do humano, recolocando-o no grande fluxo da vida, através da morte que está implicitamente presente no erotismo. Isto porque a percepção da morte e o erotismo, como forma particular da atividade sexual<sup>19</sup>, são as duas formas originárias de instituição do humano. Para Lázaro, a morte é um risco no amor. Um risco necessário.

“Se o amor e a morte têm afinidade na tradição religiosa e filosófica do Ocidente, as condições de vida que se inauguram com o advento da sociedade burguesa justificam, mais do que nunca, sua aproximação. Na arte, o amor é trágico porque não recua diante da morte; na sociedade burguesa, ele guarda uma promessa sustentada pela força trágica que a arte libera. Esta força é o alimento da alma, a possibilidade de suportar aquelas condições de vida tão contrárias àquilo que o amor promete.” (Lázaro, 1996:200)

É nesse sentido que o autor analisa o amor no contexto da sociedade moderna. O amor como um ideal, não apenas um produto do mercado cultural. Um ideal ao qual estão subjacentes processos como a massificação, individualização, a ênfase na vida privada e a intimidade como lugar da felicidade e da singularidade, das aspirações e realizações individuais. “O amor agora é vencedor, há um método para conciliar secretamente natureza e cultura, indivíduo e sociedade, homem e mulher, história e eternidade. O amor é integrador.” (Lázaro, 1996:216)

#### **4 - Considerações Finais**

Neste trabalho a idéia de Lázaro de que o amor é um método parece “boa para pensar” o caso do uso dos sentimentos para legitimar o BDSM. Se a gama de sentimentos que o discurso BDSM apresenta se associa à experiência amorosa, esses sentimentos podem ser um método não apenas de expressar e de sentir, mas também para dar nome e definir as vicissitudes que o sujeito vivencia ao tomar parte de uma prática sexual marcada pela violência. Embora o que permite ao indivíduo escolher participar de tais atividades seja o atributo “consciente” da vontade, expressa pelo

---

<sup>19</sup> “Se fosse o caso de uma definição precisa, certamente seria necessário partir da atividade sexual de reprodução da qual o erotismo é uma forma particular. A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica...” (Bataille, 2004:19)

consentimento, é a dimensão moral e afetiva que precisa ser acionada como mecanismo que vai permitir o exercício do livre-arbítrio. O sentimento amoroso, com sua linguagem do espiritual e do imponderável, pode ser uma maneira de dar forma aceitável e comunicável à submissão ao perigo. Se o risco é entendido como parte da experiência amorosa, o sentimento amoroso pode tornar-se um método para lidar com o risco na atividade sexual.

A maneira como o risco é vivenciado e gerido na modernidade está associada a processos de destradicionalização. Dessa forma, a concepção de pessoa moderna é aquela que se “liberta” dos laços tradicionais da aliança, assumindo em seu lugar um discurso sobre a sexualidade e uma posição reflexiva altamente psicologizada, com um amplo discurso sobre sentimentos. Que o sentimento romântico seja um método para lidar com o risco no campo da sexualidade surge, desta forma, como uma hipótese que ajuda a esmiuçar as relações entre sexualidade, sentimentos e o papel que ocupam na modernidade.

A racionalidade, com todas as suas implicações jurídicas, é o atributo que rege a vida pública e as relações de poder e de autoridade reconhecidas pelos indivíduos. Submeter-se ao risco vai contra a lógica dessas relações. Portanto, o risco precisa ser elaborado por uma lógica diferente, justamente aquela lógica moral ou “psicológica” que rege as relações entre os indivíduos. Na esfera entendida como altamente individualizada e subjetivada da sexualidade, a lógica que rege o risco deve ser a das emoções. Especialmente, das emoções amorosas, que já implicam implicitamente um risco (na sua aproximação com a morte). Apesar de seu papel importante na gestão do poder, mas justamente por sua resignificação como anteparo aos processos de destradicionalização, o risco se torna importante na “gestão” dos processos reflexivos das trajetórias individuais, onde a sexualidade e o amor são centrais.

## **Referências Bibliográficas**

- ABU-LUGHOD, L. e LUTZ, C. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: L. Abu-Lughod e C. Lutz (eds.). *Language and the Politics of Emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- BATAILLE, G. O Erotismo. São Paulo: Arx, 2004.
- BECK, U. Risk Society: Towards a New Modernity. Cambridge: Polity Press, 1993.
- BÉJIN, A. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In: ARIÉS, P.; BÉJIN, A. (Org.) Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.237-254.
- CORALIS, P. Nunca te vi, sempre te amei: uma análise antropológica da idolatria a Madonna em um fã-clube virtual. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- ELIAS, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- GAGNON, J.H. Pesquisa sobre práticas sexuais e mudança social (1975). In: GAGNON, J. H. Uma Interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006. p.65-110.
- GIDDENS, A. A transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, UNESP, 1992.
- GREGORI, M. F. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: GREGORI, M. F.; PISCITELLI, A.; CARRARA, S. (Org.) Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004, pp.235-255.
- HEILBORN, Maria Luiza e BRANDÃO, Elaine Reis. “Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza (org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 7-17.
- LÁZARO, A. Amor: do mito ao mercado. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996
- LÉVY, P. O que é virtual? São Paulo. Editora 34, 1996.
- LIRA, L. C. Seja livre, seja magra: um estudo das representações e práticas corporais das “pró-anas”(jovens mulheres que fazem apologia à anorexia). In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29., 2005, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ANPOCS, 2005.

ROUGEMONT, D. A história do amor no ocidente. São Paulo: Ediouro, 2003.

SPINK, M.J.P. Tópicos do discurso sobre o risco: risco aventura como uma metáfora da modernidade tardia. Cadernos de Saúde Pública, 37 (2), 2003, pp. 161-7.

VIVEIROS DE CASTRO, E.B. & ARAÚJO, R.B. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. In: VELHO, Gilberto (org.). Arte e Sociedade, ensaios de sociologia da arte. Zahar Editores, 1977, pp.131-169.